



## **Alfabetização audiovisual e científica para jovens: uma experiência de interlocução e recepção de conteúdos ambientais da TVE baseada na leitura crítica dos meios de comunicação de Mário Kaplún<sup>1</sup>**

**Mariana Menezes Alcântara<sup>2</sup>**

**Simone Terezinha Bortoliero<sup>3</sup>**

**Resumo:** Diante da avalanche de reportagens veiculadas pela mídia sobre o meio ambiente, resolvemos estudar a recepção destes conteúdos junto aos jovens que fazem parte dos Centros Avançados de Ciências do Projeto *Ciência, Arte & Magia*. Para a realização das discussões sobre o tema, escolhemos a metodologia do teórico Mario Kaplún, educador da América Latina, que nas décadas de 70 e 80, implementou um método de Leitura Crítica dos Meios e o método Cassete-Foro. Ele foi o precursor da Comunicação Educativa e Popular no continente latino-americano numa perspectiva de favorecer a recepção participativa. O objetivo foi analisar de que forma as informações passadas através da técnica jornalística podem educar, chamar a atenção para o tema ou até propor uma mudança nas ações e atitudes dos telespectadores e se estes conteúdos são efetivamente educativos ou apenas refletem uma visão superficial sobre meio ambiente. Os objetos de estudo foram as seis reportagens especiais produzidas pela TVE/Bahia exibidas nos jornais locais da emissora (Economia & Política, TVE Revista e TVE Notícia) durante a Semana Nacional do Meio Ambiente do ano de 2005.

**Palavras Chave:** Meio Ambiente e Televisão, Educação Científica e Audiovisual, Recepção e Representação Social.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Mediações e Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: [alcmariana@gmail.com](mailto:alcmariana@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Professora da Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e da Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, ambos da UFBA. Doutora em Comunicação Científica e Tecnológica (UMESP,1999). Diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (2007-2008). E-mail: [bortolie@ufba.br](mailto:bortolie@ufba.br)



## **Introdução**

O acesso aos bens produzidos pela C&T, vem alterando de forma significativa o nosso bem estar. Podemos perceber isto no dia-a-dia quando as informações circulam com rapidez pela internet; quando há um aumento de nosso tempo de vida através da prevenção e cura de doenças; quando diminuimos o tempo de nossas viagens usando o avião para atravessar grandes distâncias; quando percebemos que um número maior de pessoas podem ser alimentadas através da disponibilidade de produtos alimentícios acondicionados. Mas ao pensarmos na velocidade com que todos, incluindo os jovens, são informados sobre estes avanços, vemos que os desafios do século XXI são imensos. Não conseguimos perceber um valor agregado de mercado para a produção das notícias no campo científico, ou seja, não percebemos que estas informações são consumidas como qualquer outro produto.

Para os jovens torna-se difícil entender esta complexa teia, que se propaga através da divulgação de informações de temas científicos, tecnológicos e ambientais, através dos meios de comunicação de massa: televisão, rádio, jornais, revistas e internet. A maioria tem grande dificuldade em saber separar o que é informação do que é mercadoria. A idéia de jovens críticos diante desta problemática, teria sucesso numa rede de ensino, advinda de uma ação política que contribuísse com a formação de uma cultura audiovisual e de uma cultura científica desde os primeiros momentos da criança na ida ao colégio. Ou seja, a leitura crítica de mídia, poderia ser feita desde cedo, com a ajuda da escola. Assim, teríamos outro espaço público para aprender a distinguir as informações científicas, tecnológicas e ambientais que tem influência direta em nosso cotidiano e saber usá-las para viver melhor.

Sensacionalismo ou verdade? Como podemos separar a mentira, a fraude, o boato, o mito da informação de qualidade e de interesse público? Como os nossos jovens podem identificar e se preparar para uma leitura crítica dos conteúdos de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente fazendo escolhas mais seguras? Não nos parece ser uma questão simples. Mas uma boa resposta poderia ser: aprender a fazer seus próprios produtos midiáticos, conhecendo os mecanismos dos processos de comunicação. Assim, talvez tivéssemos a experimentação enquanto linguagem, a criatividade como eixo central e novas formas de compreender os avanços do mundo,



seus desdobramentos políticos, culturais e econômicos e sociais. Portanto, a pergunta é: como o conteúdo produzido pelo atual telejornalismo está sendo recebido pelos jovens? As reportagens funcionam como ferramentas para a educação? Foi através da busca pelas respostas a essas perguntas que o objetivo deste trabalho de pesquisa é definido.

### **Justificativa**

A Comunidade internacional deu passos decisivos para o que hoje poderia ser chamado de globalização dos problemas ambientais, quando há quase 14 anos, as atenções do mundo se voltaram para o Rio de Janeiro, onde acontecia a Conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92. A partir daí, a imprensa começou a noticiar mais sobre meio ambiente. De lá para cá, reportagens e artigos sobre os mais variados assuntos dentro da pauta ambiental vêm sendo publicados e veiculados nas diversas mídias.

O meio ambiente é objeto de investigação constante desde então. Hoje, não existe um jornal, seja ele impresso ou eletrônico, que se recuse a noticiar algum acontecimento da esfera ambiental. A relação entre a ciência e o meio ambiente em muitas décadas mostrou-se conflituosa. No entanto, percebemos cada vez mais que a salvação para o Planeta está justamente na união destas forças. E como a compreensão do que é a Ciência, feita para o bem, pode conscientizar as futuras gerações a desenvolver um modo de vida sustentável, livre do consumo exagerado e irresponsável? A idéia é desenvolver uma massa jovem crítica que esteja atenta para as causas sócio-ambientais, que envolvem a natureza, o homem, o seu habitat e o futuro do Planeta.

Do furacão Katrina, que destruiu a cidade de Nova Orleans, nos Estados Unidos, passando pela Tsunami, na Indonésia, pela polêmica da transposição do Rio São Francisco, no Nordeste do Brasil, e pela devastação e seca na Floresta Amazônica, milhares de pessoas são informadas através dos meios de comunicação de massa sobre os “últimos acontecimentos” de desastres ambientais e conflitos entre políticos, cientistas e ambientalistas em todo o mundo. Diante de tanta informação veiculada, o que entender disso tudo? As reportagens procuraram soluções para os problemas apontados? Ou apenas trataram os fatos de forma pontual e local? As reportagens tiveram um papel educativo? Diante destas perguntas, buscamos algumas possíveis respostas através do trabalho de recepção de material produzido pelos jornalistas da TVE Bahia, durante a Semana Nacional do Meio Ambiente, em 2005.



## **Metodologia**

No caso dos jovens dos Centros de Ciências, verificamos os níveis de compreensão sobre o meio ambiente, através da utilização da etnometodologia/pesquisa qualitativa. Foram investigados aspectos como o que pensam sobre o meio ambiente em que vivem, quais as concepções sobre problemas ambientais em Salvador, e quais os conceitos de desenvolvimento sustentável.

Para a viabilidade desta pesquisa de recepção, preparamos uma metodologia para a exibição que consistiu na apresentação da pesquisa para os jovens e das finalidades deste estudo através de uma conversa informal. Para que eles pudessem participar da recepção, entregamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual os pais deveriam assinar e autorizar a participação dos filhos (menores de 18 anos de idade) na apresentação e discussão das matérias.

Para as atividades de recepção, foram reservados seis dias de encontro com os jovens no Centro Avançado de Ciências do Instituto de Biologia da Ufba, ressaltando que os encontros ocorreram uma vez por semana, às segundas-feiras. No primeiro dia, usamos a dinâmica com o rolo de barbante, com a finalidade de promover o conhecimento de todos os integrantes do grupo. Essa técnica foi utilizada com o objetivo de deixá-los à vontade para as discussões realizadas após a exibição de cada matéria. Uma dinâmica de grupo foi realizada. Os participantes sentaram em círculo e o primeiro participante, segurando a ponta do barbante, jogou o rolo para alguém, com a condição pré-estabelecida de que deveria ser dito o nome, o bairro onde mora, idade, etc. Ao final, uma “teia grande” foi criada. Discutimos que o objetivo da pesquisa foi trabalhar como uma teia/rede de conversa para a construção de uma leitura crítica dos meios de comunicação.

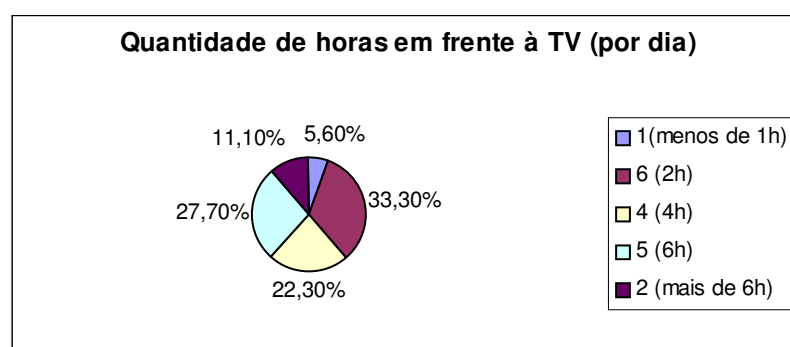
Partindo dessa idéia e das teorias de Kaplún sobre a Leitura Crítica dos Meios, discutimos sobre os temas das matérias selecionadas para a exibição, a citar: reciclagem, Áreas de Proteção Ambiental (APA's) do Rio Joanes e Itaparica, responsabilidade sócio-ambiental e turismo ambiental. A base teórica dessa recepção baseou-se no Método de Leitura Crítica dos Meios conhecida por Cassete-Foro. Em seu livro “Comunicación entre grupos. El método cassette-foro”, Kaplún desenvolveu toda uma metodologia para viabilizar o que ele chamou de recepção participativa. Kaplún deixou

como legado os trabalhos pioneiros em torno da Comunicação Educativa e Popular no continente latino-americano numa perspectiva de favorecer a recepção participativa. Foi através da utilização desse formato que houve a disseminação de uma comunicação grupal nas comunidades agrícolas no Uruguai. Os diferentes métodos descritos por ele foram vivenciados por grupos populares no Peru, Equador, Venezuela, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Uruguai, Chile e Argentina.

Os níveis de conversa com os jovens passaram por duas etapas, sendo a primeira identificar as concepções de meio ambiente, que englobam a consciência da relação que eles têm com o meio ambiente (ser humano e meio ambiente) e a relação social/experiência com o meio ambiente. Foi pedido que eles escrevessem uma pequena redação para falar sobre o assunto e muitos deles afirmaram que estavam tendo dificuldades em desenvolver uma idéia sobre o tema para a redação. “Falar sobre isto é muito difícil, pois não discutimos diariamente”, como afirmou o estudante Gabriel Imhoff, 12 anos.

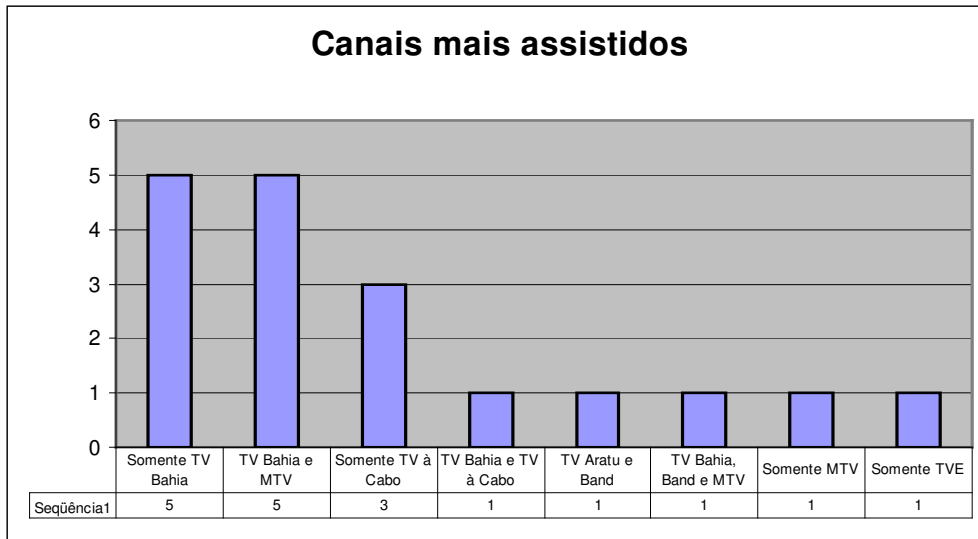
### Conhecendo o grupo de recepção

O grupo de recepção foi composto por estudantes de 12 a 18 anos, integrantes do Centro Avançado de Ciências Ciência, Arte & Magia, localizado no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia. Com o patrocínio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), foram implantados quatro centros de ciências nas cidades de Salvador, Seabra (Chapada Diamantina) e Feira de Santana.

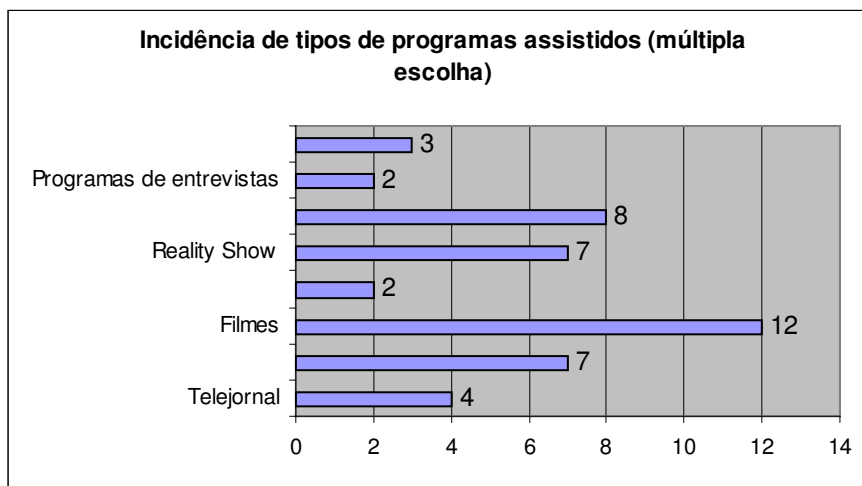


Na pesquisa quantitativa buscamos compreender o comportamento dos estudantes diante do ato de assistir televisão. A maioria das respostas demonstrou que não existe uma noção do tempo que se passa diante da TV. Uma quantidade considerável respondeu que passa mais tempo conectado à internet do que assistindo

televisão. Ou então que estão no computador e ao mesmo tempo ouvindo música e com a televisão ligada.



Concluimos aqui que os maiores índices de audiência deste grupo estão na TV Bahia, retransmissora da TV Globo. A TVE ficou em último lugar, dividindo espaço com a MTV, TV Aratu, TV Band e os canais à cabo. Ao analisar os dados, foi perguntado aos jovens porque eles não assistem a TVE com maior frequência e a resposta majoritária foi a de que o conteúdo era “chato”, “desinteressante” e que “não prendia a atenção como os programas da Globo”.



Podemos perceber neste gráfico que os jovens que responderam ao questionário afirmaram que os filmes são os mais assistidos na programação televisiva. Os telejornais ficaram na quarta posição, atrás dos desenhos, reality shows e novelas. Portanto, após desenhar o mapa de comportamento da audiência, partimos para a lembrança de matérias relativa ao meio ambiente na televisão. Foram perguntados aos jovens quais os problemas ambientais que eles recordavam naquele momento. Eles



lembravam de problemas ocorridos em outras partes do País e do mundo como o furacão Katrina e o derretimento das calotas polares pelo aquecimento global. No entanto, ao serem perguntados sobre os problemas ambientais que estavam ocorrendo próximo às suas casas, apenas três identificaram o problema do lixo e da falta de saneamento básico, o que levou o grupo a refletir se esses problemas realmente ocorrem perto de suas casas ou não. O fato destes jovens refletirem sobre os temas apresentados foi levando o grupo a uma re-descoberta do meio ambiente que os envolve. Resgatando a memória, todo o grupo afirmou que em seus bairros a disposição inadequada do lixo era o maior problema, pois atraía ratos, baratas, mosquitos e espalhava um mau cheiro pelas ruas.

### **A recepção: um processo de construção coletiva do conhecimento**

Discussões sobre os temas foram realizadas e os jovens puderam emitir suas opiniões prévias sobre os assuntos a serem abordados nas matérias. Constatamos através das discussões que ao abordar os alunos dos Centros de Ciências como receptores capazes de ter leituras diferenciadas e plurais das mensagens veiculadas, a maioria buscava, muitas vezes, dar sentidos convergentes às suas experiências de vida. Mário Kaplún fala de uma prática educativa nos processos de comunicação, baseada no diálogo, na cooperação solidária e na reafirmação de identidades culturais.

De acordo com as experiências de recepção de produtos midiáticos junto aos jovens, neste caso, os produtos telejornalísticos, foi constatado na prática o que Bortoliero escreveu. De acordo com ela, kaplún já havia afirmado sobre o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte dos sujeitos:

*“O exercício da crítica na recepção não é algo fácil de realizar, pois o acesso à informação não garante que as pessoas sejam mais ativas e participantes. Neste sentido, Kaplún afirma que a criticidade é algo que não se pode ensinar, nem aprender, que não se pode transmitir como se transfere um teorema de matemática ou uma fórmula química. Para ele a capacidade crítica não se recebe de outro; se exercita e que, portanto, deve ser um processo de autodescobrimento” (BORTOLIERO, 2006)*

Dessa forma, consideramos fundamental a escolha de vários dias para exibição das reportagens, uma discussão sempre inicial sobre as concepções espontâneas de meio



ambiente e uma leitura coletiva do grupo sobre a compreensão do conteúdo veiculado pela TVE/Bahia.

Para a realização da recepção das matérias exibidas na TVE/Bahia partimos do ponto de vista de Fonseca<sup>4</sup>, reafirmando que quem realiza essas reportagens televisivas têm o domínio sobre determinados códigos de linguagem específica do meio, os quais são comumente desconhecidos do receptor que, por seu lado, possui determinadas formas de compreensão muitas vezes desconsideradas pelo realizador. Então, como o nosso objetivo central da pesquisa foi desenvolver uma leitura crítica dos meios de comunicação com o grupo de jovens desses Centros de Ciências, partimos do ponto de vista de que era preciso ensinar através de oficinas de capacitação, um exercício prático de produção de vídeos no formato reportagem para garantir um entendimento sobre os processos e uma futura análise dos conteúdos ambientais veiculados de forma mais aprofundada e criteriosa. Através desta ação aprendemos a lição de que ao ensinar as técnicas e os códigos da linguagem audiovisual podemos contribuir para ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre uma realidade social, econômica e intelectual. Assim, jovens em situação de risco tiveram a oportunidade de exercer sua cidadania através da cultura audiovisual, relatando seus sonhos, realidade, visões de mundo e até sob a forma de uma história de ficção.

Foram ensinadas técnicas como movimentos de câmera como o zoom in, zoom out, panorâmicas, close, câmera subjetiva, etc, além da produção de um roteiro para vídeo e televisão, através da construção de texto em lauda, na qual a cada duas linhas de texto equivalem a três segundos de tempo da matéria. Conhecimentos técnicos de telejornalismo também foram passados. Os alunos aprenderam o que significava cada momento de uma matéria de um telejornal, como os offs, nota seca, nota coberta, passagens, sonoras, cabeça e pé da matéria. Eles optaram por realizar vídeos sob os seguintes temas: cotas para afro-descendentes nas universidades, gravidez na adolescência, poluição automotiva, tribos da música e drogas. Com a realização desses vídeos, os jovens já estavam familiarizados com a linguagem audiovisual e o tempo necessário para se passar uma idéia através de sons e imagens.

Com a realização desses vídeos, os jovens passaram a estar familiarizados com a linguagem audiovisual e de posse de informações técnicas puderam realizar uma leitura diferenciada sobre as reportagens específicas sobre meio ambiente da TVE/Bahia.

---

<sup>4</sup> FONSECA, Maria Tereza Azevedo da. Realização e Recepção: um exercício de leitura crítica. Comunicação & Educação, São Paulo, nº12. Editora Moderna, págs. 35 a 56.





### **A seguir as cinco matérias exibidas durante a pesquisa de recepção:**

- 1 – Abertura do quadro de reportagens ambientais. Na matéria, pessoas comuns dizem o que é o que pensam sobre meio ambiente – Tempo: 05min23seg;
- 2 – A segunda matéria aborda o tema da reciclagem. É apresentado ao telespectador a estação de tratamento de lixo de Mucugê, exemplo que deve ser seguido pelas demais cidades – tempo: 04min22seg;
- 3 – A terceira matéria fala sobre um projeto de responsabilidade socioambiental da Costa do Sauípe – Tempo: 08min24seg;
- 4 – A quarta reportagem é sobre o turismo ecológico praticado na cidade de Rio de Contas, localizada na Chapada Diamantina – Tempo: 04min37seg;
- 5 – A quinta reportagem aborda o turismo praticado na APA Itaparica – Tempo: 11min16seg;
- 6 – A última reportagem fala sobre a APA do Rio Joanes – Tempo: 06min18seg.

### **As análises**

As representações sociais que surgem na produção desses vídeos realizados pelos jovens reproduzem de um lado, os padrões culturais tradicionais, mas por um outro lado colocam em debate questões que estão expostas na vida cotidiana da realidade. Isto é o que nos fala Jovchelovitch:

*"Nos dois mundos, o da experiência individual, todos os comportamentos e todas as percepções são compreendidas como resultantes de processos íntimos, às vezes de natureza fisiológica. No outro mundo, o dos grupos, o das relações entre pessoas, tudo é explicado em função de interações, de estruturas, de trocas de poder... Esses dois pontos de vista são claramente errôneos pelo simples motivo de que o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social". (MOSCOVICI, 1994)*

Portanto, na construção desses vídeos, que são na essência um ato coletivo, em grupo, há um retrato da realidade vivida por esses jovens, diferentemente quando apenas exibimos reportagens televisivas não pensadas a partir de suas experiências de vida, mas sim de uma lógica de produção capitalista e de uma visão mercadológica da informação. Os jovens no exercício da recepção demonstraram que sabem o que é propaganda governamental, quando o assunto tratado faz relações diretas entre turismo na Bahia e meio ambiente. Numa reportagem sobre a Ilha de Itaparica tem percepções claras sobre problemas ambientais locais e o turismo na região:



*“A matéria em si conseguiu demonstrar toda a beleza que envolve esta ilha. Porém houve uma perceptível coerência dos problemas, que da mesma forma, fazem parte da sua composição. A Ilha de Itaparica, apesar da não-abordagem, apresenta grandes problemas em nível de estrutura e conscientização daqueles que praticam o turismo na região. Vale ressaltar, que a própria estrutura decadente pode se estender na prática do turismo, principal atividade econômica da região.” (R.L, 17 anos, aluno do Colégio da Polícia Militar de Dendezeiros, 2006)*

Do ponto de vista das ações, debatem a reportagem e apresentam soluções para enfrentar o problema, ponto de vista não encontrado na matéria televisiva:

“Como proposta, em minha opinião, seria a criação de um grupo ou associação que ficasse responsável pela conscientização ambiental”. **R.L, 17 anos, aluno do Colégio da Polícia Militar de Dendezeiros**

Para Jovchelivitch (1995) as representações sociais emergem como um fenômeno necessariamente colado ao tecido social. E que a análise de fenômenos psicossociais, pressupõe a análise do social, não como um agregado de indivíduos, mas como totalidade na qual se "expressam" os atores sociais. Assim podemos analisar a recepção das reportagens em grupo de jovens, como no caso dessa pesquisa.

*"São as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais... elas são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transforma cada um individualmente... enquanto mediação social, elas expressam por excelência o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo". (JOVCHELIVITCH, 1995: 81).*

Durante a realização dos vídeos discutimos a necessidade de uma diversidade de fontes, sejam elas governamentais, científicas ou de outros grupos sociais<sup>5</sup>. Esse mesmo critério, discutido nos grupos, aparece nos depoimentos durante a recepção das reportagens da TVE quando discutem a origem das fontes entrevistadas pelos

---

<sup>5</sup> Os jovens escolhidos nas escolas públicas de Salvador para participarem dos Centros de Ciências devem ter interesse em temas de Ciência e Tecnologia. Dessa forma, uma das atividades realizadas consiste em pesquisarem durante 12 meses, as vocações científicas de sua preferência e apresentarem em forma de comunicações orais em eventos científicos como a SBPC Jovem. Alguns desses jovens ingressaram na Universidade Federal da Bahia justamente em vocações escolhidas durante o tempo de permanência no Centro de Ciências. Essa atividade específica é coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rejane Lira, do Instituto de Biologia da UFBA, através do Projeto Ciência, Arte & Magia.



repórteres. Explicitam o que deixaram de compreender sobre as APA do Rio Joanes e sobre o polêmico investimento turístico conhecido por Costa do Sauípe, ambos localizados no litoral norte da Bahia.

*“A matéria mostraria imparcialidade se tratasse do aparelho burocrático, tema muito em voga atualmente. Entrevistas com secretários, prefeitos ou governadores e a contraposição dos seus argumentos com o que de fato se vê por parte dos grandes grupos empresariais e com o que se regulamenta nas leis referentes ao fato. (J.L.S., 15 anos, aluno do Colégio da Polícia Militar de Dendezeiros)*

*“sobre a matéria da APA do Rio Joanes, acredito que ela não deixou muito claro o enfoque central. Além de entrevistar pessoas não coerentes, como por exemplo, uma antropóloga desnordeada que teve um surto de emoção ao ver uma área de preservação ambiental. Acho que isso não deveria necessariamente ser mostrado, esse tipo de manifestação numa sonora”. (A.A.S., 16 anos, aluna do Colégio da Polícia Militar de Dendezeiros)*

*“Eu gostaria que fosse explorada a questão do projeto em Costa do Sauípe. Queria que fosse entrevistado o idealizador e o responsável por esse projeto. Que fosse explorada a questão da ‘desnaturalização do lugar’, ou seja, se eles, enquanto responsável pelo projeto, tinham consciência da degradação que eles fizeram ao meio ambiente. E se esse projeto que eles estão desenvolvendo com a comunidade local não parece ser uma forma artificial ou de maquiar a destruição que eles cometeram à natureza”.(M.V.L, 18 anos, aluno do Colégio Estadual Evaristo da Veiga)*

Fica evidente a percepção que os jovens têm sobre a ausência de fontes científicas confiáveis sobre determinados temas, no caso estudiosos sobre preservação ambiental. Segundo Moscovici, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de um grupo social, no caso das informações científicas, “implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente” (MOSCOVICI, 2003:37).

Se interpretarmos essa visão no caso dos estudos de recepção, podemos dizer então que as representações formadas a partir dessas reportagens televisivas, se relacionam com um modo particular de compreender e se comunicar, “um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (MOSCOVICI, 2003:49). Na contemporaneidade, está no senso comum a chave para compreender as representações sociais. O senso comum abarca o que esse autor chama de universo consensual, em



oposição ao universo reificado tratado pelas ciências. Portanto, nenhum conhecimento especializado se faz necessário para a compreensão das representações, que “restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornam acessíveis a qualquer um e coincidem com nossos interesses imediatos” (MOSCOVICI, 2003:52).

Como o discurso da mídia é apreendido pelo senso comum como um discurso de autoridade, de quem sabe mais para quem sabe menos, ele conta com um elevado grau de credibilidade. Entretanto, quando os jovens passam a entender os processos de produção das reportagens televisivas, ou seja, produzindo seus próprios programas e com domínio técnico, durante a recepção das reportagens da TVE/Bahia, acabam realizando uma crítica aos jornalistas/produtores dessas matérias televisivas tanto do ponto de vista da escolha das pautas ambientais, como questões éticas ou de conteúdo abordado.

*“...em relação às Áreas de Proteção Ambientais (APA’s), tratadas na reportagem, seriam íntegras por parte dos jornalistas envolverem as questões éticas (em relação às comunidades locais e o abuso do poder pelos proprietários), políticas (aparelho político como coadjuvante da concentração fundiária) e econômicos (desfrute dos privilégios que vêm com a posse da terra). Enfim, tratar a realidade nua e crua (algo apenas possível teoricamente, mas, creio eu, um dos pilares para o bom jornalismo), independente dos interesses de grupos ou pessoas”. (J.L.S, 15 anos, aluno do Colégio da Polícia Militar de Dendezeiros)*

*“Se eu pudesse dar uma sugestão de pauta para os jornalistas, eu falaria das espécies ameaçadas de extinção no entorno da Baía de Todos os Santos. Além disso, percebi que comumente diversas revistas científicas nacionais e internacionais publicam anuais revelando espécies ameaçadas de extinção. Algo que seria de muita relevância para nós baianos. Se a equipe de produção fizesse um levantamento junto com os especialistas do ramo da Biologia Animal, com o objetivo de catalogar e mostrar para toda a população civil quais são os animais marinhos que necessitam de uma atenção maior por parte da população”.(L.F.S, 18 anos, aluno do Colégio Estadual Evaristo da Veiga)*

Um dos aspectos discutidos na recepção dessas reportagens foi a desconstrução das reportagens ambientais assistidas. O debate girou em torno de que temas e formatos deveria ser apresentados na TVE Bahia, se os jovens estivessem na produção dessas reportagens. Quanto ao formato nada se modificou, ou seja, manteriam a estrutura das reportagens jornalísticas. Entretanto, as pautas seriam diferentes e haveria sugestões para amenizar os problemas ambientais na Bahia:



*“...eu gostaria de ver como pauta em uma matéria de TV um quadro geral sobre a situação ambiental da Baía de Todos os santos, mostrando pontos mais degradados e as espécies (tanto fauna, quanto flora) mais ameaçadas. Essa matéria deveria culminar com ambientalistas dando dicas sobre como ajudar a melhorar o meio ambiente (como economizar água e luz, por exemplo). Na matéria sobre as APA's, poderia ser explorado qual a importância social, econômica e política das suas criações. Já sobre a matéria da reciclagem, deve-se falar sobre o impacto positivo da reciclagem, a sua importância e os reflexos sociais e econômicos que ela pode ter. Enfim, todas as matérias deveriam terminar com dicas de ambientalistas e de como a sociedade pode se mobilizar para preservar o meio ambiente”. (B. P., 17 anos, aluno do Colégio da Polícia Militar de Dendezeiros)*

*“Falando de proteção ambiental, eu colocaria uma reportagem sobre as matas que rodeiam Salvador, com enfoque em quais tipos de plantas e animais estão morrendo por causa da presença da atividade humana em seu habitat. As empresas deveriam, antes de construir um empreendimento, fazer um estudo avançado do local em que estará sendo implantada a sua empresa, seja ela de turismo ou qualquer outra. Além disso, o governo deveria ajudar as empresas de reciclagem, pois elas ajudam a manter a cidade mais limpa e os materiais reciclados são transformados em objetos belíssimos e de boa qualidade. Meio ambiente é uma parte de nós, seres humanos, e o bem estar da Terra”.( M. C., 17 anos, aluna do Colégio Estadual Evaristo da Veiga)*

Para Wolf (1994), estudar como os meios de comunicação contribuem para a construção da realidade é analisar o impacto das relações simbólicas desses meios sobre a percepção subjetiva da realidade social. Os espectadores dependem cada vez mais da mídia para formar suas imagens de realidade, em especial daquela realidade que não podem ver diretamente. Como as representações midiáticas não são automaticamente transportadas para o conhecimento dos destinatários, deve-se sempre considerar como variável a competência no tratamento das informações. Diferentes espectadores vão receber as mesmas informações de formas diversas. Distinguem-se também os modos como os espectadores se enfrentam com os conteúdos televisivos, ou seja, se são passivos ou assumem uma postura crítica – estes últimos avaliam os conteúdos ativamente, entendem que há exceções àquilo que é mostrado e lembram melhor os assuntos apresentados.

A construção social da realidade por meio da mídia é um processo de formação de cultura. Precisa, assim, ser invisível para ser eficaz, como já dissemos anteriormente.



### **Conclusões:**

O meio ambiente é importante demais para que a mídia o ignore. Seria então a mídia responsável pelo aumento da conscientização da população acerca dos problemas ambientais? Esta pesquisa serviu de base para alcançar algumas respostas. Somando os esforços contínuos das ONGs ambientalistas e dos órgãos de governo, a televisão pode sim, levar a uma conscientização das pessoas sobre o meio ambiente. Entretanto, em muitas ocasiões o que é divulgado, seja sobre desastres ambientais ou uma lei que beneficie o meio ambiente, não é vinculado ao dia-a-dia da população. Estes aspectos foram abordados na análise das matérias levantadas na TVE/Bahia, contribuindo com novas formas de produção destas matérias, tanto do ponto de vista da apuração jornalística, da investigação de temas ambientais locais, como na indicação de uma agenda ambiental que valorize a informação dentro de sua função educativa.

No que diz respeito ao desenvolvimento de uma consciência crítica com relação ao conteúdo sobre meio ambiente veiculado percebemos que mesmo apesar das dificuldades de se fazer um telejornalismo de qualidade na TVE/Bahia, (informações obtidas durante a vigência de minha bolsa de pesquisa), emissora onde existem problemas com relação à execução de pautas que vêm de cima para baixo (do poder político para as redações), o telejornalismo tem a capacidade de informar e de levar um certo assunto para a agenda de discussões dos espectadores. Não se deve esperar que a consciência crítica se desenvolva apenas através da televisão, ou de qualquer outro material produzido pelos jornalistas. Deve-se exercitar em todos os espaços de educação, sejam eles formais ou não-formais. Por outro lado, o jornalista deve sempre buscar mostrar as duas versões dos fatos porque a princípio, o que é dito nas matérias é entendido, a princípio, como uma verdade.

No entanto, os temas ambientais, ainda seguem padrões tradicionais do conceito de notícia, privilegiando o sensacional, as catástrofes, as fontes oficiais, o que vende jornal ou dá audiência às redes de televisão. Um grande movimento tem sido feito nas redações, por jornalistas especializados e defensores das causas ambientais, no sentido de uma visão multidisciplinar dos temas ambientais. Geralmente meio ambiente é identificado nas grandes revistas de circulação nacional dentro de editorias que também agregam Ciência e Tecnologia. Do ponto de vista da recepção, um novo conceito intitulado Educomunicação Ambiental foi estruturado com a participação de especialistas em comitês ligados ao Ministério de Meio Ambiente.



A Comunicação Educativa e Popular proposta por Kaplún deve ser entendida dentro de um contexto histórico e social conturbado na década de 70, onde as liberdades individuais estavam sendo reprimidas por ditaduras militares no continente. Além disso, suas formulações teóricas nos remetem ao conceito de educação como um ato político, além de estarem alicerçadas no campo das teorias de aprendizagem.

No que diz respeito à aprendizagem com este trabalho, percebemos que unir e exercitar a teoria e a prática em uma pesquisa na área de Ciências Sociais, como é o caso da Comunicação, é essencialmente enriquecedor para o entendimento de como um conteúdo é transmitido na mensagem, desde a sua produção (nas redações dos jornais) até chegar ao público (aqui no caso, a televisão, com os telespectadores).

Importante ressaltar aqui, que durante os estudos, aprendi sobre como o conceito de interlocução funciona dentro de um processo comunicativo e a sua importância para a formação de uma cultura audiovisual de jovens adolescentes, para o entendimento de temas relacionados à ciência, tecnologia e meio ambiente. A interlocução não é um processo comunicativo baseado na apatia e de silenciamento. Ao contrário disso, ela se sustenta na competência comunicativa destes jovens e está alicerçada numa participação ativa dentro dos centros de ciências, onde estão escolhendo suas vocações e produzindo vídeos. Como resultado conseguimos a participação em todos os processos comunicativos. Portanto, a interlocução é entendida como um diálogo que não se estabelece de forma ingênua. É um processo em construção onde atuam diferentes atores sociais. Um sistema de comunicação só será considerado participativo se tiver mecanismos e canais que permitam aos grupos participantes destes vídeos, determinar com independência os conteúdos temáticos de programas e produzir suas próprias mensagens. É neste sentido, que utilizamos o método de Mario Kaplún, com o objetivo de contribuir com a alfabetização audiovisual e científica, participativa e crítica.

### **Referências Bibliográficas:**

ALBERGUINI, Audre. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros** (o papel educativo e a compreensão pública de matérias de CT&I). Tese (Doutorado em Comunicação Social) São Bernardo do Campo: Umesp, 2007;

BOGDAN,R.C; BIKLEN,S.K. *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução a teoria e aos métodos.*Porto/Portugal: Porto Editora,1994.335p;

BORTOLIERO, S.;BEJARANO,N.R.; HINKLE,E. *Das escavações à sociedade – a divulgação científica sob a ótica das crianças de Peirópolis. Comunicação & Educação. ano 10, n 3(set-dez 2005).*São Paulo:ECA/USP:Paulinas.p 365-380;





BORTOLIERO, S. T.; BEJARANO, N. R. R.. Os desafios dos jornalistas científicos, cientistas e educadores em ciências no século XXI. In: Simone Bortoliero; Jose Roberto Ferreira; Cidoval Sousa. (Org.). *Jornalismo Científico e Educação para as Ciências*. 01 ed. Taubaté: Editora Universitária Cabral, 2006, v. 01, p. 17-29;

BORTOLIERO, Simone. Kaplún, educador. Biografia de um visionário. In: *Educomídia, alavanca para a cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

BUENO, W.C. Jornalismo Científico – conceito e funções. *Ciência e Cultura*, SP, 37(9), 1420-27, set. 1985;

COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE. Divulgação Científica e Poder Midiático. São Paulo:UMESP, n. 29. 1998;

FONSECA, Maria Tereza A. Realização e Recepção: um exercício de leitura. In: *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo, n 12, p. p. 35-42, maio/ago, 1998;

HERNANDO, M. C. La difusión del conocimiento al publico: cuestiones y perspectivas. *Comunicação & Sociedade*, São Paulo, UESP, n. 29, p35-45, 1998;

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**. Petrópolis: Vozes, 2000;

KAPLÚN, Mario. *El Comunicador Popular*. Buenos Aires, lumen Humanitas, 1996;

\_\_\_\_\_. *Comunicación entre grupos: el método del cassette-foro* (Ottawa: IDRC, 1984);

\_\_\_\_\_. *Processos educativos e canais de comunicação*. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n.14, jan./abr. 1999

LEÓN, Bienvenido *El medio ambiente en televisión: algunos logros, muchos retos*. In: **Mas que palabras. Comunicación ambiental para una sociedad sostenible**. Valladolid:GEA, 2005. p 87-108;

\_\_\_\_\_. **Ciencia y tecnología en las televisiones europeas**. Un estudio de los informativos de prime-time. In: *Quark*, Barcelona, 2004. p 74-80;

\_\_\_\_\_. *Divulgación científica y documental televisivo. Estudio de las obras de David Attenborough. Comunicar Ciencia*. V.51. Barcelona: Teballs de la Societat Catalana de Biología, 2001. p253-266;

MARQUES DE MELO, José; FERRARI, Maria Aparecida; NETO, Elycio dos Santos; GOBBI, Maria Cristina. *Educomídia, Alavanca da Cidadania: O Legado Utópico de Mário Kaplún*, São Bernardo do Campo, Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006, 247p.;

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.pp.29-109;

NOVAES, Washington. *A década do impasse: da Rio 92 à Rio +10*. Estação Liberdade: Instituto Soocioambiental, 2002;

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Uma pedagogia para os meios de comunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 12, p.77-88, maio/ago.,1998. Entrevista concedida à Roseli Fígaro;

SABBATINI, Marcelo. **Novos modelos da percepção pública da ciência e da tecnologia: do modelo contextual de comunicação científica aos processos de participação social**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre;

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **A Ciência na Televisão – Mito, Ritual e Espetáculo**. São Paulo: AnnaBlume Editora, 1999;





TRIGUEIRO, A. (org). Meio Ambiente no século 21. 4ed. Campinas, SP: Armazém Do Ipê (Autores Associados). 2005. 367p;

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. Comciência, Especial. Cultura Científica, julho de 2003;

White, Robert A. Recepção: a abordagem dos Estudos Culturais. Revista Comunicação & Educação. SP: ECA/USP, Editora Moderna, pág 57-76, nº 12, maio/agosto de 1998;

ZAMBONI, Lilian. Márcia. Simões. **Cientistas, Jornalistas e a Divulgação Científica** – Subjetividade e Heterogeneidade no Discurso da Divulgação Científica. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2001.